



## **Notícias inclassificáveis: O *fait divers* no jornal “O Espeto” e as narrativas do fantástico e do monstruoso em Passagem de Mariana e arredores<sup>1</sup>**

Amanda de Oliveira Rodrigues<sup>2</sup>

Luiza de Souza Barufi<sup>3</sup>

Adriana Bravin<sup>4</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

O presente trabalho aborda a narrativa jornalística de 19 edições do jornal “O Espeto”, publicadas em 2009, no distrito Passagem de Mariana, Mariana (MG), que transforma lendas, histórias e “causos” mineiros em matéria para a coluna “Nossos Causos”. Discute-se a produção de *fait divers* e a sensacionalização dos fatos a partir das narrativas orais do fantástico e do monstruoso, em uma região marcada pela mineração do ouro desde o século XVIII. O compartilhamento dessa memória local encontra no jornal um veículo de alimentação e propagação das lendas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *fait divers*; sensacionalismo; cultura popular

### **INTRODUÇÃO**

Maria Sabão, Mãe do Ouro, “Cabloco D’água”, Noiva de Furquim e fantasmas que arrastam correntes e se escondem nas antigas minas alimentam as lendas e povoam o imaginário da população de cidades históricas mineiras, como Mariana e Ouro Preto, localizadas a cerca de 115 quilômetros da capital Belo Horizonte.

A existência e permanência dessa memória oral, produzida no caldo da mineração aurífera, desde o século XVIII, e no encontro de diferentes culturas em torno

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT1 - Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, email: [amandarodrigues.ufop@yahoo.com.br](mailto:amandarodrigues.ufop@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, email: [luizabarufi@hotmail.com](mailto:luizabarufi@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, email: [adriana.bravin@gmail.com](mailto:adriana.bravin@gmail.com)



da exploração do ouro, possibilitou que na atualidade, na pequena Passagem de Mariana – distrito localizado entre Ouro Preto e Mariana – um veículo impresso se alimente de e propague as lendas locais, revestindo-lhes de um caráter jornalístico.

Na coluna “Nossos Causos”, do jornal “O Espeto”, produzido em Passagem de Mariana, uma das principais características é a narrativa do monstruoso e do fantástico, a partir de relatos dos próprios moradores. O jornal foi fundado em 30 de setembro de 1928, pelo Capitão Inácio Antonio Vieira, e teve vida curta, sendo fechado em 1931. Voltou a circular em dezembro de 1998 por Leandro Henrique dos Santos, neto de Henrique Morelli, sócio do fundador.

O impresso se autodenomina “Jornal Histórico Cultural” e circula, quinzenalmente por Passagem de Mariana e arredores (Mariana, Ouro Preto, Diogo de Vasconcelos, Barra Longa, Cachoeira do Campo etc). A distribuição é gratuita e a tiragem é de aproximadamente 5 mil exemplares.



Capa Jornal “O Espeto” ano X, nº111. Segunda quinzena de abril de 2009



Os “causos” narrados ora em primeira ora em terceira pessoa versam sobre conteúdo que circula oralmente entre os moradores de Passagem e os distritos citados acima. O compartilhamento dessa memória encontra no jornal um veículo tanto de alimentação quanto de propagação das lendas locais.

Observando-se a presença marcante da narrativa do fantástico e do monstruoso na coluna “Nossos Causos” surgiram algumas questões que norteiam este artigo: como “O Espeto” trabalha com as narrativas que se originam na oralidade? Como transforma essas narrativas em relatos jornalístico? Aliás, pode-se afirmar que são jornalísticos? Por que? Quais as características da narrativa jornalística na coluna “Nossos Causos”? Por que esse modo de narrar existe na contemporaneidade? Por que Passagem de Mariana é um local onde isto se mantém? Como diferenciar o que é sensacionalismo do que é *fait divers*?

Baseando-se nessas questões estudou-se o *fait divers* e sua classificação; e o conceito de sensacionalismo. Em seguida, partiu-se para um levantamento dos *fait divers* publicados na coluna “Nossos Causos”, em 19 edições do ano de 2009, procurando-se categorizar as modalidades, de acordo com a classificação de Barthes (1970), nos termos de causalidade e coincidência, e relacioná-las com as narrativas orais da região, dando início a um banco de dados com as informações coletadas.

Para compreender o local de onde emergiram as narrativas orais que alimentam a coluna “Nossos Causos” buscou-se os registros de lendas e narrativas fantásticas da região e a compreensão do contexto histórico de Passagem de Mariana, desde o século XVIII.

### **O contexto histórico local: Passagem de Mariana e sua relação com o fantástico e o monstruoso**

Descoberta por bandeirantes paulistas, em 1696, a região onde se situa o distrito de Passagem de Mariana, carrega, até hoje, as marcas da religiosidade e do trabalho minerador trazidos pelos europeus em busca da exploração do ouro e metais preciosos em toda Minas Gerais. Passagem de Mariana, como diz o próprio nome, era durante o século XVIII apenas um local de trânsito e pouso dos viajantes entre Ouro Preto e Mariana.

Assim como afirma Rafael Souza (2009) em sua tese de doutorado *Trabalho e cotidiano na mineração aurífera inglesa em Minas Gerais: A Mina da Passagem de*



*Mariana (1863-1927)*, no início do século XIX, alguns escravos já trabalhavam nas lavras no leito do Ribeirão do Carmo, rio que corta o arraial. Mas foi a partir 1863, com a aquisição da Mina da Passagem pelos ingleses<sup>5</sup>, fazendo-a parte do cenário da extração aurífera, que a localidade se tornou “um dos distritos mais populosos e economicamente prósperos de Mariana” (ibid. p.42). A mina funcionou quase que ininterruptamente até a segunda metade do século XX<sup>6</sup>.

A região, que já era um local de encontro de estrangeiros e diferentes culturas, após a obtenção da Mina pelos ingleses tornou-se, como afirma o historiador, “uma zona de contato por excelência”, ou seja, ficou mais vulnerável à inserção de “hábitos culturais, religião, canções, instrumentos musicais, e de trabalho, histórias, padrões de moralidade, estilo arquitetônico, vestuário, esportes, hábitos dietéticos, crenças e símbolos” de diversas nacionalidades européias. Esse encontro – população local e população migrante, em contato ainda com a cultura dos escravos africanos – gerou uma grande diversidade cultural, através de um processo que o mesmo autor define como um “trânsito cultural [que] nunca é somente aditivo ou supressivo. É ambivalente.” (ibid. p.301)

A religiosidade é um ponto em que se pode analisar como um dos principais fatores de distanciamento, mas por vezes de aproximação entre essas diferentes culturas. Tal distanciamento pode ser notado pela separação que se tinha necessidade de se fazer dos hábitos religiosos de cada crença. Desde o início da América Portuguesa, quando a Igreja Católica se insere no Brasil, a instituição afirma seu poder e costumes a fim de assegurar a hegemonia católica na região. No povoado a construção da Igreja de Nossa Senhora da Glória é datada de 1724, segundo o IEPHA/MG. (SOUZA, ibid. p. 41). Os ingleses, no entanto, tiveram permissão para abrir cemitérios e igrejas e terem pastores no Brasil na primeira metade do século XIX.

Já os rituais religiosos africanos, como já se sabe, foram abafados e praticamente anulados por ambas as crenças dominantes, restando aos negros as manifestações informais que não estavam ligadas a religiosidade, como dançar Bambula nos momentos de divertimento dos trabalhadores das minas<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Compra efetuada pela *Anglo-Brazilian Gold Company Limited* (novembro de 1863 a fevereiro de 1873) (idem. p. 25)./

<sup>6</sup> Encerra-se a fase de proprietários estrangeiros da Mina com a *The Ouro Preto Gold Mines of Brazil Limited* (março de 1883 a maio de 1927). (idem. p. 26)

<sup>7</sup> Bambula é uma dança tradicional dos negros do oeste africano acompanhada com instrumentos de percussão.” (apud SOUZA. ibid. p.306)



Por outro lado, a religiosidade ou a fé em qualquer que fosse a entidade, pode ser vista como um fator de identificação em Passagem de Mariana. Esse é um aspecto de extrema importância para esse trabalho, pois é a partir desse universo de crenças que se norteiam as discussões sobre o fantástico e o monstruoso, ou fabuloso, em “O Espeto”.

Como pontua Rafael Souza, desde a mitologia grega é recorrente, no mundo do trabalho subterrâneo, a relação com figuras maravilhosas:

“As culturas religiosas das regiões mineradoras da Europa, América, África e Ásia estão repletas de espíritos benevolentes e maléficos que habitam o mundo subterrâneo. Dragões, cobras, anões, gigantes, demônios, santos, deuses, grifos, elfos, duendes, gnomos e fadas podem anunciar ou ocultar os metais, soterrar os mineiros ou avisá-los de perigos iminentes; podem ainda ser a causa de abandono aterrorizado da mina.” (ibid. p. 289)

Em Minas Gerais não seria diferente, desde o século XVIII, as lendas e crenças, que circulavam no ambiente e no entorno do trabalho minerador, carregavam sentido ora de punição (contra aqueles que exploravam o ouro sem “permissão” das próprias terras ou de seus donos), ora de proteção (aplicado pelos que buscavam na divindade uma proteção contra os acidentes do trabalho).

A lenda da “Mãe-do-Ouro” é uma das mais recorrentes quando se trata dessa punição. Em Passagem de Mariana, Israel Quirino registrou a existência dessa credulidade entre os ex-mineiros. Segundo ele, muitos mineiros afirmam tê-la visto e narram o ocorrido com tanta convicção e detalhes, que chegam perto de convencê-lo (QUIRINO apud SOUZA. ibid. p. 293). Tal crença, que também foi registrada em São Paulo por Câmara Cascudo, tinha como entidade:

“ ‘a égide das minas, madrinha dos veeiros, padroeira dos filões, defendendo pepitas e escondendo jazidas, só podia ter a forma de chama, lume que denunciava o metal rutilante e a um tempo o custodiava (...) Em Minas Gerais surge sua forma como uma serpente.’ ” (CASCUDO apud SOUZA, ibid. p. 291)

Quirino registra ainda outra entidade que rondaria o interior da Mina da Passagem, o fantasma do Capitão Jackers. Um capitão inglês que teria sido esmagado no PIA II (uma das galerias da mina) e sua alma teria permanecido ali para continuar realizando pesquisas de filões auríferos, visitando os pilões, laboratórios e arquivos técnicos. “Alguns mineiros afirmam que já o viram vagando pelas galerias ‘sempre disposto a dar dicas sobre o trabalho, com seu carregado sotaque saxônico.’ ” (QUIRINO, apud, SOUZA. ibid. p. 293)



Os moradores de Passagem de Mariana acreditam também que quem visita as minas de ouro, no Morro de Santo Antônio, pela primeira vez, precisa levar algum tipo de recipiente, pois se for encontrado algum ouro esquecido deve trazê-lo de imediato, caso contrário, nunca mais reencontrará o local do achado. (SOUZA, *ibid.* p. 293). Rafael Souza defende que a origem desse tipo de crença

“está associada àquela outra que funda o próprio caráter sagrado da terra, da mãe terra, que alimenta os homens cujo interior pertence às divindades. Suas riquezas, o ouro e a prata, eram guardadas por espíritos que puniam os gananciosos extratores de suas douradas veias.” (SOUZA, *idem*)

E assim, os acidentes de trabalho, dentro das minas, eram vistos como forma de punição da “mãe terra” para com aqueles que ousaram explorá-la. Além das entidades misteriosas abrigadas nas galerias de exploração de ouro, os mineiros e os moradores de Passagem, como um todo, acreditam também nas divindades protetoras. Santa Bárbara, Nossa Senhora da Glória e São Miguel são os santos que despertam maior devoção entre a população da localidade.

Os cristãos acreditam que Santa Bárbara (nos rituais africanos conhecida como Yansã) é a padroeira dos mineiros, pois ela teria sido decapitada pelo próprio pai, que teria sido atingido em seguida por um raio divino.

“Por isso, é invocada como protetora contra a morte trágica, no perigo das explosões, raios e tempestades. A devoção a esta santa iniciou-se entre os mineiros, depois do emprego da pólvora como explosivo nas minas, pois o barulho das explosões assemelhava-se ao do trovão.” (SOUZA, *ibid.* p. 295)

Acredita-se que a devoção a Santa Bárbara tenha vindo juntamente com os primeiros imigrantes europeus no século XIX. “No entanto, relatos orais indicam que sua devoção iniciou-se somente após a grande enchente ocorrida no dia 4 de dezembro de 1936 que afogou 14 trabalhadores.” (SOUZA, *ibid.* p. 296)

É importante destacar que a devoção a Santa Bárbara, adotada como padroeira dos mineiros, tem o poder de estabelecer entre eles uma identidade. Tal devoção faz com que os mineiros relativizem a responsabilidade da companhia em relação às condições de trabalho, pois se transferem as razões dos acidentes para o sobrenatural.

“ ‘Então, se os acidentes acontecem, é porque a santa, e não a empresa, se descuidou ou quis se vingar de seus pecados. Assim, a luta por proteção e





justiça volta-se para a santa e não para si mesmo e para o grupo e menos ainda contra os patrões.” (ECKERT apud SOUZA, *ibid.* p. 297)

Mesmo com a maioria da população de Passagem de Mariana empregada na mina (dos ingleses), Santa Bárbara não conseguiu tomar o lugar de padroeira da localidade, Nossa Senhora da Glória, cuja principal Igreja foi erguida em sua homenagem.

Tais fatos registrados historicamente retratam como a população de Passagem de Mariana está constantemente ligada às crenças e às entidades protetoras e subterrâneas, desde o início de sua ocupação. O universo do trabalho minerador sempre proporciona esferas em que a credulidade dos homens em algo além da vida terrena guia suas vidas de forma a fazê-los principalmente crer, ao invés de ser, e esperar ao invés de agir.

### **Um breve estudo do sensacionalismo**

Discutir o sensacionalismo na imprensa é fundamental para este trabalho, já que se pretende classificar os objetos de estudos e ainda diagnosticar como o jornal faz uso deste recurso, se é que o faz.

Danilo Angrimani remonta em seu livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* (1995) as visões acerca das definições e aplicações do termo sensacionalismo. Destacamos, num primeiro momento, o conceito das palavras que remetem ao sensacional, no dicionário:

“ *Sensacional* – *Adj.* 2g. 1. Que produz sensação intensa. 2. Referente a sensação. 3. Que desperta viva admiração ou entusiasmo; espetacular; formidável; um filme sensacional.

*Sensacionalismo* – *S. m.* 1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. 2. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos, etc., com o mesmo fim. 3. Exploração do que é sensacional na literatura, na arte etc.

*Sensacionalista* – *Adj.* 2g. Em que há, ou que usa de sensacionalismo; notícia sensacionalista; jornal sensacionalista’ ” (HOLANDA apud ANGRIMANI, 1995:13)

O termo ainda está em discussão devido às suas inúmeras formas e locais de aplicação. Angrimani apresenta pensadores que definem sensacionalismo de maneira mais superficial, como é o caso de Mott, que diz que ““a palavra é comumente utilizada’ para designar matérias que estimulam ‘respostas emocionais’ no leitor.” (MOTT, apud



ANGRIMANI *ibid.* p.14). Em contrapartida, cita Pedroso, que apresenta o discurso sensacionalista no jornalismo como:

“ ‘modo de produção discursivo da atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução de real social’ ”  
(PEDROSO apud ANGRIMANI, *idem*)

Angrimani destaca que o capitalismo e a venda estão sempre associados ao sensacionalismo, ou ao modo jornalístico sensacionalista. Se utiliza dele para construir notícias a fim de despertar no leitor suas necessidades instintivas. Sensacionalizar é transformar o fato que não é na sua essência sensacional, dando a ele um tom escandaloso para exacerbá-lo. Ainda segundo Angrimani, “sensacionalismo é a produção de noticiário que explora o real, que superdimensiona o fato. (...) e a ‘notícia’ é elaborada como mero exercício ficcional.” (ANGRIMANI, *ibid.* p. 16)

O termo “exercício ficcional” tem para nós uma relevância frente ao jornal que se analisou para este estudo. Há três vertentes a serem avaliadas sobre esse aspecto: 1) O Jornal produz um discurso ficcional primário? 2) O Jornal constrói um discurso ficcional secundário, ou seja, sobre a narrativa da fonte? 3) Ou o Jornal apenas reproduz um discurso primário já ficcional? Estas são algumas questões que norteiam a classificação das narrativas encontradas no objeto.

Segundo o editor do jornal, Leandro Henrique dos Santos<sup>8</sup>, as narrativas presentes na coluna “Nossos Casos” são recontadas da maneira como são relatadas pelas fontes (pessoas da região). Afirma que até mesmo os erros de português, segundo a norma padrão da língua, são mantidos para o texto ser fiel ao que lhe foi contado. Mas por outro lado, observa-se a intervenção do editor, que ora utiliza-se de aspas para se referir à fala das fontes, ora retrata o “causo” em terceira pessoa.

É importante retomar alguns fatores que são apontados por Angrimani como característicos do jornalismo sensacionalista. Dentre eles, a linguagem revela-se bastante interessante, pois não pode ser “sofisticada” e, sim, deve ser coloquial, com destaque à “coloquial exagerada”. Segundo ele, “é uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto, é uma linguagem editorial ‘clichê’.” (*ibid.* p.16)

---

<sup>8</sup> Em entrevista realizada no dia 5 de maio de 2010, na sede do jornal “O Espeto”





Na coluna analisada, “Nossos Causos”, a presença da linguagem coloquial é marcante. Segundo o coordenador do Jornal, o estilo linguístico é proposital para que o leitor se aproxime, se identifique com a publicação. Na edição da primeira quinzena de maio de 2009<sup>9</sup>, lê-se, sem modificações, em um trecho da coluna: “Derepente veio algo rastando pra perto e os três viram uma vaca, que andava em pé! Vieram Jerry e Pedrin saíram catando cavaco, correndo da vaca que andava igual gente!”

Quanto à questão estrutural, Angrimani afirma que é característica da publicação sensacionalista a inadequação entre manchete e texto “ou ainda, manchetes e foto; texto e foto; manchete, texto e foto.” (ibid. p. 16) Causando, portanto, uma ambiguidade em relação ao conteúdo que se expõe. Na primeira edição do mês de setembro de 2009 de “O Espeto”<sup>10</sup>, por exemplo, em um dos “causos” narrados tem-se a seguinte manchete: “Show em Diogo incomoda assombrações”. Acompanha uma foto das duas pessoas que relataram o acontecimento, mas sem legenda.

Já no âmbito subjetivo da produção jornalística sensacional, Angrimani aponta que “é na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas.” (ibid. p.17). O produto, para o autor, é pouco convencional. Afirma que dentre os “nutrientes” do sensacionalismo, o *fait divers* é o principal. Mas aponta outros:

“Lendas e crenças populares, personagens olímpicos (da realeza, cinema e TV, principalmente), política, economia, pessoas e animais com deformações, deficiências, também comparecem com igual peso na divisão do noticiário.” (ibid. p. 16)

Há uma discussão sobre a diferenciação entre sensacionalismo e *fait divers*. Para Angrimani, existem os que “confundem *fait divers* com sensacionalismo” (ibid. p.30). No entanto, há sensacionalismo sem *fait divers*, e *fait divers* sem sensacionalismo. O *fait divers* é uma fonte riquíssima de conteúdo para que o sensacionalismo venha à tona, porém, como já ressaltado, não é a única. O autor resalta que o sensacionalismo busca na extravagância do *fait divers* ingredientes para manchete de capa, para ser consumida ou reconhecida como espetacular.

---

<sup>9</sup> Coluna “Nossos Causos” do Jornal *O Espeto*. Ano X, nº112, primeira quinzena de maio de 2009. p.2

<sup>10</sup> Coluna “Nossos Causos” do Jornal *O Espeto*. Ano X, nº119, primeira quinzena de setembro de 2009. p.2

Para Monestier (apud ANGRIMANI *ibid.* p.28), o *fait divers* tem um caráter “repetitivo”, e é através do sensacionalismo que deixará de ser apenas repetido para transformar-se em um melodrama, uma estrutura na qual se utiliza de técnicas do folhetim, com a fragmentação e o corte da narrativa para manter a expectativa no leitor e fazer desse processo uma técnica mercadológica.

Ou seja, o “causo” será contado, repetidamente, com uma dose a mais de exageros para que o leitor possa se sentir inserido no universo do acontecimento, despertando-lhes variadas sensações. Uma gravidez, por exemplo, pode ser fonte suficiente para produção de um produto sensacionalista, mas se for uma gravidez de um animal de uma espécie, fecundado por outro de espécie diferente, o sensacionalismo tem um fato mais propício para atuar, pois já é fora do convencional por si só. O não-habitual é narrado e o efeito do sensacionalismo no *fait divers* se materializa no fato.



Coluna “Nossos Causos” do Jornal “O Espeto” ano X, nº117. Primeira quinzena de agosto de 2009

### **O *fait divers* nos “causos” do jornal “O Espeto”**

Visto isto, propõe-se aqui uma análise dos *fait divers* presentes no jornal “O Espeto”. A palavra *fait divers* vem do francês e designa “notícias diversas”, rubrica na



qual os jornais publicam os pequenos escândalos, acidentes aparentemente sem causas, etc.

Roland Barthes, em *Crítica e Verdade* (*Critique et Vérité*, 1970), denomina os *fait divers* de inclassificáveis da informação. Catástrofes, acidentes, casos de polícia, assuntos do cotidiano que despertam nossa curiosidade mórbida são uma espécie de refugio do inominável, do inclassificável, segundo o autor:

“(...) a notícia geral procederia de uma classificação do inclassificável, seria o refugio desorganizado das notícias informes: sua essência seria primitiva, só começaria a existir onde o mundo deixa de ser nomeado, submetido a um catálogo conhecido (política, economia, guerras, espetáculos, ciências etc); numa só palavra, seria a informação “monstruosa”, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma, inomináveis (...)” (BARTHES, *ibid.* p. 57-58).

Barthes foi quem primeiro interessou-se sobre o problema da estrutura dos *faits divers*. Imanente, seletiva, repetitiva, tais são as principais características do *fait divers*. A isto se junta, segundo ele, uma estrutura dita fechada compreendendo, ao menos, dois termos que mantém uma relação. “É a problemática desta relação que vai constituir o *fait divers*” (*ibid.* p. 190.). A importância se situa no nível da relação que une os dois termos. Estas relações se limitam a dois tipos: a relação de causalidade (um delito e seu móvel, um acidente e suas circunstâncias) e a relação de coincidência.

Vejamos, em primeiro lugar, a relação de causalidade. Esta, segundo Barthes, é sempre paradoxal. Já que o *fait divers* deve espantar, surpreender, a narração deve levar em conta uma desproporção entre o efeito e a causa. Esta relação deverá ser, senão uma aberração, ao menos diferente daquilo que se espera.

Encontra-se, primeiramente, os fatos que não podemos saber a causa de imediato, os inexplicáveis. Estes se subdividem, por sua vez, em duas categorias: os prodígios e os crimes misteriosos (em que a causalidade é diferida). Um exemplo de prodígio publicado está na manchete: “Mandioca Gigante em Acaica: Porco começou a comer dum lado e varou do outro lado do rio”<sup>11</sup>.

A relação de coincidência se divide igualmente em dois grupos. Primeiro tem-se a repetição de um acontecimento. Como salienta Barthes, este tipo de *fait divers* “leva sempre a imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdade que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo” (*ibid.*, p.191).

---

<sup>11</sup> Capa Jornal *O Espeto*, ano X, nº 113. Segunda quinzena de maio de 2009.

Sempre na relação de coincidência, encontra-se uma relação que tende a fundir dois termos opostos em um mesmo percurso. É a aproximação de dois termos qualitativamente distantes. A relação de coincidência será ainda mais espantosa quanto os estereótipos forem invertidos. Pode-se citar como exemplo dessa narrativa no jornal “O Espeto” a repetição que se faz dos relatos que envolvem o personagem “Cabloco d’água” – retratado pelo editor do jornal Leandro dos Santos como um bicho que seria uma mistura de vários animais, entre eles, peixe, macaco, lagartixa e que vive no rio Do Carmo, um dos que banha de Mariana à Barra Longa- que seria motivo de mortes de animais e pessoas que se banhavam no rio.

O *fait divers* proporciona ao público uma explicação satisfatória daquilo que escapa, às vezes, à compreensão. Entretanto, fazendo isso, ele arremessa a dúvida sobre a coerência do mundo, ele presente o universo da duplicidade. Face à objetividade, à verdade científica que tende a evacuar qualquer mistério, o *faits divers*, ao contrário, sustentam a ambigüidade entre o racional e o irracional, entre o inteligível e o ininteligível.

Nota-se, que o jornal objeto de estudo deste trabalho produz *fait divers* a partir dos relatos orais das lendas locais e os sensacionaliza. Os “causos” são narrados de maneira a reafirmar aquilo que a população acredita ser verídico. O jornal se propõe salientar o que foge do cotidiano da localidade, desde um evento musical que incomoda assombrações até mortes supostamente causadas pelo “Cabloco d’água”.

É a partir dessas narrativas do incomum que o sensacionalismo de “O Espeto” vem à tona para tornar o “causo” ainda mais atrativo. Observa-se a utilização de estruturas que ressaltam a linguagem oral, como o uso de exclamações e ainda afirmações um tanto quanto irônicas. Toma-se como exemplo a edição que retrata uma possível fecundação de um carneiro em uma porca<sup>12</sup>, na qual a narrativa é composta por frases como “o amor é lindo e contagiante!” e “o amor não tem fronteiras!!”, com o propósito de personificar os animais referidos e transformar o possível fato em um história emocionante.

Analisando os “causos” contados em “O Espeto” há uma dificuldade em classificá-los, pois misturam-se *fait divers*, lendas, sensacionalismo e histórias sobrenaturais. Segundo o editor Leandro Henrique dos Santos, os textos publicados na

---

<sup>12</sup> Coluna “Nossos Causos” do Jornal “O Espeto” ano X, nº117. Primeira quinzena de agosto de 2009



coluna “Nossos Causos” podem ser classificados como uma prática jornalística, assim como tudo aquilo que é publicado no jornal. Para ele, “[são matérias] mais no sentido de [matérias culturais], essas coisas assim, que não precisam ter muita confirmação. Então é o espaço que a pessoa tá falando ali, faz parte do jornal.”<sup>13</sup>

Compõem a narrativa jornalística encontrada em “O Espeto” aspectos como: presença de título; usa-se fotografias das fontes de informação jornalística (entrevistados) com legendas; busca-se fontes autorizadas; utiliza-se caricatura de assombrações com legenda; há uso de aspas nos depoimentos (remetendo a objetividade jornalística); transformação do “causo” em notícia; ficcionalização da notícia; utilização de sensacionalismo; narrativa feita em terceira pessoa.

Quanto à narrativa oral observa-se: Narrativa marcada pela oralidade e erros de ortografia intencionais; caricatura com intuito de ilustração da história relatada; abordagem de diversos personagens de lendas locais e nacionais; continuidade das histórias com chamada para acompanhar as novas narrativas nas próximas edições do jornal; personificação de animais, aberrações e assombrações; discussões sobre moralidade e valores.

### **Considerações finais**

Observa-se que em “O Espeto” é utilizada uma estrutura textual híbrida, na qual nota-se tanto aspectos da narrativa jornalística quanto da narrativa oral. O que reforça a tentativa do jornal de dar à narrativa popular o respaldo do registro jornalístico. Ou ainda, a tentativa de um processo inverso, de ficcionalizar o relato.

Pode-se observar também que a linha entre o sensacionalismo e o *fait divers* é tênue, mas existente. O sensacionalismo bebe da fonte do *fait divers* para tornar-se ainda mais atraente ao leitor.

No que se trata da estrutura do *fait divers*, constata-se ainda a mescla das duas categorias definidas por Barthes, causalidade e coincidência. Nota-se quanto à categoria causalidade (suspeita do acaso) a presença de dramas pessoais, aberrações, perturbações da causalidade, causalidade inexplicável (crimes misteriosos, causalidade diferida, ignorância real da causa), desvios e carências causais.

---

<sup>13</sup> Em entrevista realizada no dia 5 de maio de 2010, na sede do jornal “O Espeto”



Já na categoria coincidência (espetacular) observa-se que ocorrem: repetição do acontecimento (imaginar causa desconhecida, curiosidade despertada pela repetição, repetir para significar a crença); aproximação de dois termos qualitativamente distantes: quando o *fait divers* suprime a distancia lógica e funde dois percursos diferentes em um único percurso.

Assim, “O Espeto” utiliza-se dessa rica fonte de assuntos que circula na região para sensacionalizá-las, afim de que as histórias façam mais sentido para o leitor e proporcione sensações variadas.

Nos “causos” relatados na coluna observou-se uma relação direta com as lendas e crenças locais, podendo ser citados personagens como: Maria Sabão; Gigantes; Mulher Pelada; Mãe do ouro; Mula sem cabeça; Saci-pererê; Homem Pelado; Lobisomem; Mulher de Branco; Cavaleiro fantasma; Noiva de Furquim;

Pode-se, a partir de uma análise mais quantitativa dessa amostra de 19 edições, registrar o predomínio de “causos” cujo tema é assombração, que aparece 12 vezes e do personagem monstruoso Cabloco D’água (8 vezes). Há ainda o relato de aberrações (4 vezes), animais (2 vezes) e registros históricos (6 vezes).

Passagem de Mariana e seus arredores é, devido a sua relação com lendas e crenças mineiras, um local de intensa produção dos *fait divers*, os quais “O Espeto” sensacionaliza na tentativa de atrair e fidelizar o seu leitor. O que faz com que haja a permanência desse tipo de narrativa, ainda na contemporaneidade e neste jornal, é a relação estabelecida entre ele e seus leitores, uma vez que a produção das matérias jornalísticas se dá pela busca dos relatos na própria comunidade e há o retorno dos leitores à redação de “O Espeto”, através de cartas, emails e telefonemas daqueles que querem relatar novos “causos”.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Sobrinho Danilo. **Espreme que sai sangue - um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus Editorial, 1995

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BUARQUE, Virgínia (org.). **Curtas em Mariana e Ouro Preto: identidades através do ensino de História**. Editora UFOP. Ouro Preto, 2010

ENNE, Ana Lucia S. **O sensacionalismo como processo cultural**. Rio de Janeiro, publicado na Revista ECO/PÓS vol.10 n° 2, 2007





FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. 6. ed. São Paulo: Global, 2008

SOUZA, Rafael de Freitas e. **Trabalho e cotidiano na mineração aurífera inglesa em Minas Gerais: A Mina de Passagem de Mariana (1863-1927)**. Tese de Doutorado em história, USP, São Paulo, 2009

STEPHENS, Mitchell. **Uma história das comunicações -dos tantãs aos satélites. Notícias escritas**. Trad. Elena Gaidano. Civilização Brasileira, 1993

XAVIER, Ângela. **Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto**. Ouro Preto, 2007.

Entrevista gravada SANTOS, Leandro Henrique: Depoimento [maio de 2010]. Entrevistadores: Adriana Bravin e Amanda de Oliveira Rodrigues. Passagem de Mariana: Sede Jornal “O Espeto”. Entrevista concedida ao projeto Pró-Ativa da Universidade Federal de Ouro Preto.